

arquivo & administração

ÓRGÃO OFICIAL DA ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUIVISTAS BRASILEIROS

V. 2 — N.º 3 — DEZEMBRO 1974

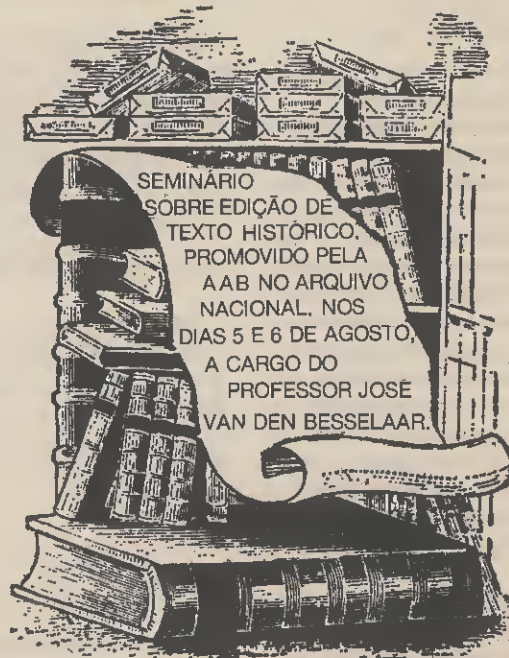


75390 Clas. PER
Arquivo & Administração
3.
1974 ex.3

duação em Arquivologia

A Edição de Texto Histórico

□ Astréa de Moraes e Castro e
Ernani Valter Ribeiro



1 — O MÉTODO FILOLÓGICO

O filólogo deve "encontrar-se tão preparado em sua ciência que possa corrigir os erros dos textos, restaurá-los em toda a sua possível perfeição, criticá-los, quanto à sua autenticidade, colocando-os em sua época devida, atribuindo-lhes a autoria certa, explicando-os em todos os seus pontos obscuros, completando-os em suas falhas, restituindo-os, enfim, ao seu verdadeiro estado de perfeição, tal qual os deixou, em épocas passadas, o seu autor".

(Bueno, Silveira, *Estudos de Filologia Portuguesa*, Edição Saraiva, SP, 1959, p. 20)

O conceito de filólogo expresso por Silveira Bueno, permite-nos fazer a mais sucinta introdução possível ao primeiro objeto do Seminário, que foi o de ministrar, por um meio prático, qual o da utilização de um texto histórico para a sua aplicação, o conhecimento do método filológico, imprescindível a qualquer edição de textos desse gênero, bem como a qualquer investigação histórica, fundada em documento escrito.

O mais notável na exposição do professor holandês, é que ele fala realmente de cátedra, pois relata sua experiência na edição crítica da História do Futuro do Padre Antônio Vieira. Mostra, contando como trabalhou, qual deve ser o método de trabalho do filólogo. Revela os benefícios do método filológico para a exata interpretação de um documento histórico. Fornecendo informações básicas para a análise de texto distribuído, Besselaar transmite a noção exata do que vêm a ser essas informações básicas. De Vieira, por exemplo, para o estudo crítico do capítulo adotado no Seminário (Capítulo II do Livro Antepreimeiro da História do Futuro) deu a conhecer os gêneros principais de seus escritores, ligou o capítulo do livro a que pertencia e situou-o no contexto das obras

do jesuíta. Como se tratava de autógrafo perdido que deu origem a muitas cópias divergentes entre si, relatou como as foi encontrando, ora na Torre do Tombo, ora na Biblioteca Municipal do Porto, ora no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, e assim por diante. Ofereceu a árvore genealógica desses textos, revelando a técnica para isso. No caso particular do Livro Antepreimeiro da História do Futuro, a Torre do Tombo possui, entre os manuscritos de Vieira apensados ao processo inquisitorial contra ele movido em 1665, as 3 folhas finais do autógrafo. Utilizando esse texto como paradigma, o Professor Besselaar pôde identificar uma cópia de boa qualidade, que, por sua vez, permitiu comparar a qualidade de outras cópias do códice autêntico. Exemplificando: o autógrafo trazia a grafia "sellas", que todos os códices, exceto aquele a que nos referimos como paradigma, corrigem para "nella". Esse foi um dos elementos que permitiram classificar essa cópia como e mais próxima do original. Cinco outras revelam uma inversão na ordem das folhas, que prejudica o sentido. Isso demonstra, ou que as cinco descendem de um manuscrito perdido (um hipotético manuscrito "A"), que fez essa inversão, ou que uma delas deu origem às outras. Com sua erudição, comparando as cópias, o filólogo poderá determinar se o códice que mais se aproxima do autógrafo é o que, em dada linha, escreve "ainda" ou se o que escreve ▷

2 — EDIÇÃO DE TEXTO HISTÓRICO

“à Índia” “Lesbos”, ou “Lisboa”, “elementos”, ou “alimentos”, etc.

Cabe também ao filólogo, quando confrontado com citações latinas ou bíblicas divergentes na mesma linha, optar por um texto ou outro, como o mais fiel. Tendo examinado o autógrafo de Vieira e se conscientizado de como ele trabalhava, isto é, emendando, corrigindo, fazendo acréscimos e supressões na mesma folha de papel, pode o filólogo, com autoridade, conjecturar se, mesmo havendo consenso nos códices, determinada linha não estará deslocada, por uma falha do amauense encarregado de passar a limpo texto tão embaralhado. Abaixo, temos um exemplo brilhante do trabalho do Professor Besselaar. Nos códices e edições, lemos: “Para se avaliar a esperança, há-se de medir o futuro, e não é este o futuro da minha História.

São Paulo, aquele filósofo do terceiro Céu desafiando todas as criaturas, e entre elas os tempos, dividiu os futuros em dois futuros: *Neque instantis, neque futura*. Um futuro que está longo e outro futuro que está perto; um futuro que há de vir e outro futuro que já vem; um futuro que muito tempo há de ser futuro — *Neque futura* — e outro futuro que brevemente há de ser presente: *Neque instante*.

Este segundo futuro é o da minha História, (...)” Besselaar corrige os textos todos, por conjectura, transferindo a frase “e não é este o futuro de minha História”, do primeiro parágrafo acima, para a antepenúltima linha, depois de “*Neque futura*” ficando a leitura como segue: “Um futuro que muito tempo há de ser futuro — “*Neque futura*” (e não é este o futuro da minha História) — e outro futuro que brevemente há de ser presente: “*Neque instantia*”. Este segundo futuro é o da minha História (...)”.

Uma outra verificação do filólogo dá-se no campo das interpolações. No caso de Vieira, conhecendo os conflitos desse Autor com a Inquisição, justamente por causa do texto do livro que examinamos, o Professor Besselaar, pode explicar porque muitas cópias omitem citações de Bandarra, autor das “Trovas”, condenadas pelo Santo Ofício por conterem a profecia de um milenarismo luso-cêntrico, isto é, de um reinado de Cristo por mil anos, na Terra, através do Rei de Portugal.

Esta, em breves palavras, a lição do Professor Besselaar quanto ao método filológico.

Uma segunda parte do Seminário encerrou resposta à pergunta: “Como fazer uma edição crítica de texto histórico?” Aqui, mais uma vez o Professor Besselaar valeu-se de sua experiência na edição da “História do Futuro”, do Padre Antônio Vieira.

Itens constitutivos da Edição Crítica.

- 1) Prefácio
- 2) Siglas e Abreviaturas
- 3) Bibliografia
- 4) Introdução
- 5) O Texto
- 6) Aparato Crítico
- 7) Comentário
- 8) Índices

1) Prefácio

O prefácio é item facultativo. Dá a idéia geral da obra e é o local para os agradecimentos.

2) Siglas e Abreviaturas

São as convenções adotadas. A regra, aqui, é: coerência absoluta e uniformidade.

HF = História do Futuro

VIEIRA

(autores, sempre em capital)

AUG.

Def. = *Defesa*, um dos livros de Vieira.

sc. = *scilicet* (isto é)

cett. = *ceteri* (os outros)

codd. = *códices* (os códices)

om. edd. = omitido em todas as edições.

conj. minha = conjectura minha

cons. = consenso.

3) Bibliografia

Deve vir no início ou no fim. É indispensável. Na HF, contém 8 subdivisões:

- a) Obras de Antônio Vieira
- b) Edições da Bíblia
- c) Padres da Igreja (50 d.C. — 1300)
- d) Autores modernos — /p/ Antônio Vieira/ 1300-1700
- e) Autores clássicos
- f) Autores contemporâneos / do editor / 1700-1974
- g) Repertórios, Enciclopédias e Dicionários

Nesse item, cabe um esclarecimento sobre o que seja repertório. Um dos repertórios citados na Edição Crítica da História do Futuro é o de Sommervogel, publicado em onze volumes, e que contém a lista alfabética de todos os autores jesuítas e a minuciosa descrição de cada uma de suas obras. Isso é repertório.

4) Introdução

A introdução pode substituir o prefácio. É a discussão introdutória do assunto. Tudo o que com ele se relaciona e nada mais. No nosso caso, todas as coisas relacionadas com a História do Futuro têm que ser estudadas com uma bibliografia exaustiva. Uma regra áurea é saber mais do que se escreve. O contrário disso, sem menosprezo, se chama jornalismo, isto é, exposição não profunda do assunto. Também se deve evitar subjetivismo no tratamento dos autores, isto é, deve-se tratar com igualdade a amigos e inimigos. Evitar os clichês.

Na Introdução da História do Futuro, por exemplo, o Professor Besselaar diz tudo o que se relaciona com a história dos manuscritos, com a história das edições e os critérios adotados na preparação do texto.

Admitem-se notas explicativas nessa parte do livro. Mas sempre ao pé da página e nunca no final do capítulo ou do livro, para explicar ao leitor como o autor chegou a esta ou aquela conclusão e facilitar ao leitor o controle do que ele diz. Só assim se promove e só assim pode progredir a ciência.

5) O Texto

As linhas devem vir numeradas de cinco em cinco, utilizando-se o número cinco e seus múltiplos. Cada linha deve ter mais ou menos o mesmo número de toques para serem publicadas de forma a poderem receber na página impressa o número de linha datilografada. ▽

◁

É comum suprimir na edição crítica todas as abreviaturas dos manuscritos. Em caso de grafias divergentes, permite-se uniformizá-las, desde que o Autor dê conta de todas as normalizações, das regras de ortografias que segue. Justifica-se com facilidade essas liberdades na edição crítica, que pressupõe sempre a existência de mais de um manuscrito. Como saber qual a ortografia adotada no autógrafo? A mesma dificuldade explica o não ter o editor que conservar a extensão da linha dos códices. Em caso de edição didática, permite-se até atualizar a ortografia do texto. Se o autor é incoerente, como Vieira, que ora escreve "revellar", ora "revelar", etc. cabe, na edição crítica fazer um esclarecimento ao leitor na Introdução e exemplificar como acabamos de fazer, após o que, será lícito uniformizar a grafia. Tratando-se de edição diplomática, o caso é diferente. Edição diplomática é a reprodução tal qual de determinado documento histórico. Ainda aqui, admitem-se pequenas alterações, como separar palavras como "ofim" e escrever por extenso abreviaturas como "q̄" e "hū". Elemento importante nesse item, é o aparato crítico. São notas de pé de páginas destinadas a indicar a opção do autor da edição crítica por um ou outro texto, em casos de divergências de sentido. Não cabe aqui, contudo, explicar o porquê da opção. Deve-se começar pela lição adotada e depois registrar as variantes.

Ex: *Texto* Capítulo primeiro

Nenhuma cousa, Senhor,
se pode prometter mais à na-
tureza humana nem mais

5. superior à sua capacidade (...)

Ap. Cr. 2. Senhor *codd*; *om. edd.* (= Os
códices registram "Senhor".
Todas as edições omitem a
palavra.)

A palavra "Senhor", a que se faz referência no aparato crítico, virá, no texto, em tipo normal, porque o texto deverá ser limpo, sem negrito nem grifo, para tornar mais agradável a leitura. Os poucos interessados examinarão o aparato crítico.

6) Comentário

O texto será comentado capítulo por capítulo e linha por linha, se necessário. As referências ao texto podem ser feitas ao capítulo e à linha e não a páginas, já que só as linhas estarão pré-numeradas, como vimos no Item anterior. É o sistema de referência mais prático.

No comentário, a linha do texto, para maior destaque, poderá vir em letra especial, em composição especial: negrito, por exemplo, e não em grifo. Isso, porque o comentário poderá conter citações em latim ou inglês, que devam vir em grifo.

Conjeturas, acréscimos ao texto, supressões ou modificações tudo isso será noticiado ao leitor no Comentário, com a devida explicação. O Comentário também poderá contar notas. Quanto à extensão, poderá ser o dobro do texto.

Na edição da História do Futuro, o Professor Besselaar, antes de cada capítulo, oferece uma pequena sinopse ou pequeno resumo do conteúdo do mesmo.

7) Índices

Os índices dependem quase exclusivamente da natureza da obra. A História do Futuro editada e comentada pelo Prof. Besselaar omite o índice onomástico. Contém esses outros: 1) de citações e referências; 2) de assuntos importantes tratados no Comentário; 3) de conteúdo do livro.

No índice de citações pode vir uma coluna para a remissão às citações e referências, e outra para a remissão ao capítulo ou linha do livro que as contém. As citações textuais podem ser indicadas por um + e as referências por um *.

Ex. + AUG. Civ. II 3,4 III 8-9
* AUG. Civ. III 8,7 IV 7-10

No caso de Vieira, é importante dizer que as obras foram utilizadas e como ele as utilizou. Em textos históricos sobre concessões, indultos, prebendas, etc., vai ser mais importante fazer índices de concessões, indultos, prebendas, etc. No índice de assuntos importantes tratados no Comentário, o Prof. Besselaar arrolou, por ex.: autores, lapsos de Vieira, expressões linguísticas, gramaticais, etc. Os índices têm que atender:

- 1) à natureza da obra;
- 2) ao público visado;
- 3) aos princípios de coerência, sistematização, metodização e clareza. □

(Resumo feito com base na gravação e em apontamentos do Seminário.)

